

Ema, porém, protestou. Não. Era dez anos mais velha que Clifford, e considerava aquele casamento uma traição, um esquecimento das promessas feitas.

Apesar disso, Clifford casou-se e teve um mês de lua-de-mel. Foi no terrível ano de 1917. A intimidade dos dois lembrava a de passageiros dum navio que vai indo ao fundo. Clifford entrou virgem para o casamento, e não dava grande importância ao lado sexual da união. Havia entre ele e Connie tantas outras afinidades! E ela exultava dessa intimidade para além do sexo — para além da "satisfação" sexual do homem. Clifford tinha o sexo como um simples acidente, uma dessas grosseiras funções orgânicas que persistem apesar de terem perdido a razão de ser. Entretanto, Connie desejava ter filhos — quando mais não fosse, para fortalecer sua posição familiar diante da cunhada.

Mas em princípio de 1918 Clifford regressava do "front" inutilizado. Impossível pensar em filhos. Sir Geoffrey morreu de desgosto.

CAPÍTULO II

CONSTANCE E CLIFFORD VOLTARAM para Wragby, no outono de 1920. Ema, ainda com rancor do irmão, por havê-la "traído", foi viver num pequeno apartamento de Londres.

Wragby era uma velha mansão senhorial, de pedra escura, começada em meados do século XIX e daí por diante aumentada até chegar ao que era — enorme casarão achatado, sem nenhuma distinção arquitetônica. Ficava a cavaleiro duma eminência, ao centro dum velho e belo parque onde dominavam os carvalhos. Mas, ai! a pouca distância viam-se as chaminés da mina de Tavershall, sempre fumarentas, e mais adiante a aldeia do mesmo nome, feia e suja como todas as aldeias das zonas de mineração. Casas de tijolos nus, com tetos escalavrados, tudo anguloso, feio, mortalmente triste.

Constance estava habituada à paisagem de Kensington, aos morros da Escócia e às dunas do Sussex; sua Inglaterra não passava disso. Foi, pois, com o estoicismo da mocidade que abarcou dum olhar o horripilante daquele distrito mineiro, todo ferro e carvão, e onde nem pensar uma pessoa podia. Do soturno casarão de Wragby ouvia-se o barulho das perfuradeiras nas minas, o paf-paf das máquinas a vapor, o apito das locomotivas e o ranger dos vagões nos trilhos. Um banco de turfa de Tavershall ardia havia já muitos anos, e como para extinguir o incêndio fossem necessários muitos milhares de libras, iam deixando o fogo entregue à sua obra. Quando o vento vinha na direção de Wragby, o casarão enchia-se de vapores sulfurosos da combustão, e mesmo nos dias calmos boiava por ali um vago cheiro a subterrâneo. E o pó do carvão? Até nas pétalas das rosas aquela horrível poeira negra se depositava.

Nada agradável, portanto, viver ali — mas era o destino. Era a vida — e que fazer? Sob a cortina cinza das nuvens o fogacho rubro dos fornos subia e descia. No começo esse quadro fascinou tragicamente Constance; depois passou a dar-lhe a impressão de estar vivendo debaixo da terra. Acostumou-se por fim — como se acostumara à chuva pelas manhãs.

Clifford, entretanto, declarava preferir Wragby a Londres. As pessoas ali tinham uma sinistra vontade própria, e bom estômago. Connie perguntava a si própria que mais teriam, porque olhos e cérebros eram coisas que não via em ninguém. Um povo tão hispido, mas formado e sem encantos como a terra. Hostil. Na aspereza do dialeto que se falava, no ruído dos sapatos, que arrastavam pelo asfalto ao voltarem em grupos dos poços, ela sentia algo misterioso e terrível.

Ninguém se apresentou a saudar a nova Lady pela sua vinda; nada de deputações, festas, flores. Sua chegada se resumiu numa corrida de auto através de pastagens com carneiros resignados e por sob as árvores tristes do parque silencioso, até à eminência em que se erguia o casarão. À porta, a governanta de Clifford a esperá-la.

Não havia ligações entre Wragby e a aldeia de Tavershall. Nada de cumprimentos, ou de simples toques no cha-